

## ARTIGO

# “Ossos do ofício”: o romance inacabado de José Saramago

“It comes with the territory”:  
José Saramago’s unfinished novel

Adriana Gonçalves 

Universidade Estadual de Minas Gerais. Divinópolis, MG, Brasil  
E-mail: [adriana.goncalves@uemg.br](mailto:adriana.goncalves@uemg.br)

**RESUMO:** O romance inacabado de José Saramago, publicado em 2014, traz mais uma vez à cena narrativa de sua obra o universo do trabalho. A vinculação ao ofício aparece inúmeras vezes ocupando certa centralidade do enredo das obras do autor, como é o caso de *História do cerco de Lisboa*, *Levantado do chão* e *A caverna*, cada um com sua problematização específica. Embora a trama não esteja em sua totalidade, é possível alinharmos alguns caminhos na problematização da relação entre o sujeito e a sociedade capitalista que o comporta, a partir de índices textuais e construções estéticas. Importa-nos perceber como Saramago costura na trama narrativa o dilema ético frente a cesura do mundo, a partir do protagonista artur, um burocrata padrão, funcionário de uma indústria bélica. Contrasta com artur sua ex-mulher, felícia, que o adverte a todo o momento para uma responsabilidade cívica. Nos interessa nesta investigação aquela concepção de ética contida no discurso fundante do capitalismo, discutida nos estudos weberianos (1999, 2003, 2004, 2013) percebendo as reverberações deste discurso encontradas na justificação do personagem protagonista para a dedicação inquestionável ao seu ofício (ARENDE, 1999).

**PALAVRAS-CHAVE:** Romance inacabado, Ética, Trabalho.

**ABSTRACT:** José Saramago’s unfinished novel, published in 2014, once again brings the universe of work into the narrative scene of his titles. The link to working appears numerous times, occupying a particular centrality of the plot in the author’s titles, as is the case of *The History of the Siege of Lisbon*, *Raised from the Ground*, and *The Cave*, each with its specific problematization. Although the plot is not in its entirety, it is possible to trace some paths in the problematization of the relationship between the subject and the capitalist society in which he is included, from textual indices and aesthetic constructions. It is important for us to understand how Saramago sews into the narrative plot the ethical dilemma facing the caesura of the world from the protagonist artur, a standard bureaucrat, an employee of a war industry. artur contrasts with his ex-wife, felícia, who warns at all times to a civic responsibility. In this research we are interested in the conception of ethics contained in the founding discourse of capitalism, discussed in Weberian studies (1999, 2003, 2004, 2013) perceiving the reverberations of such discourse found in the justification of the protagonist character for the unquestionable dedication to his craft (ARENDE, 1999.)

**KEYWORDS:** Unfinished novel, Ethics, Work.

## COMO CITAR

GONÇALVES, Adriana.  
“Ossos do ofício”: o romance inacabado de José Saramago. *Revista da Anpoll*, v.53, n.3, p. 86-100, 2022. doi: <https://doi.org/10.18309/ranpoll.v53i3.1813>

## Introdução

*Percebi, nestes últimos anos, que ando procurando uma formulação da ética: quero exprimir, através dos meus livros, um sentimento ético da existência, e quero exprimi-lo literariamente. (Saramago apud Aguilera, p. 113)*

Nos romances saramaguianos, o universo do trabalho surge muitas vezes ocupando certa centralidade na obra e sendo parte constitutiva do processo de identificação de seus personagens. É o caso de *História do cerco de Lisboa*, *Levantado do chão* e *A caverna*, para citar alguns. O romance que analisaremos, entretanto, ecoa e radicaliza, em alguma medida, discussões realizadas outrora com o personagem José de *Todos os nomes*, de 1997, pela recorrência de um protagonista burocrata-padrão, que não questiona a formulação ética do ofício que ocupa, apenas a reproduz.

O romance póstumo e inacabado<sup>1</sup> de José Saramago, publicado em 2014, intitulado *Alabardas, Alabardas; espingardas, espingardas*, traz à baila um enredo pautado em discussões éticas acerca do ofício exercido pelo personagem-protagonista funcionário da indústria de armas Belona S.A, artur paz semedo.

O título da obra faz menção ao verso homônimo de Gil Vicente na tragicomédia *Exortação da Guerra*, do século XVI. No teatro vicentino há uma costumaz ironia reverberada pela peça da qual a construção dos personagens do texto saramaguiano também não escapa. A exemplo do que ocorre em outro auto vicentino, o *Auto da Índia*, em que as relações imbricadas na construção do Império português são colocadas sob suspeição, no texto saramaguiano há também um regime de moralidade sendo contestado: o capitalista.

Em *Alabardas...*, o funcionário da indústria de armas que carrega em seu nome a paz, colabora na construção e provimento da guerra, ao não realizar um compromisso social ético de questionar seu ofício, nesse que é um dos setores mais lucrativos do mundo contemporâneo, a indústria bélica. Por sua vez, seu ofício é problematizado frequentemente pela ex-esposa Felícia. A personagem, assim como acontece com as personagens femininas em diversos de seus romances, funcionará na narrativa como uma guia mestra, como suscitadora de reflexões éticas de artur paz semedo. Felícia se valerá da emergência de um elemento do acaso, que colaborará definitivamente para que este repensar aconteça.

---

<sup>1</sup> A edição é composta por um volume de aproximadamente 50 páginas, com ilustrações de Günter Grass, mais algumas anotações do autor somadas aos textos críticos de Fernando Gómez Aguilera, Luiz Eduardo Soares e Roberto Saviano. Como em todo processo de editoração póstumo, percebemos algumas escolhas que se distinguem do estilo do autor. É o caso dos paratextos. A costureira epígrafe, muitas vezes também ficcionalizada, que servia como mote norteador do romance, aqui está ausente. Optamos, portanto, em não avaliar os paratextos imagéticos, por entendermos que não se trata de uma escolha do autor, não são partes constitutivas do projeto literário que estava sendo moldado, mas foram acrescentados posteriormente por decisões editoriais. O texto póstumo, na perspectiva de Ferroni (1996, p.16, tradução nossa), é "como uma continuação, uma herança. Este além sempre implica uma fratura, uma quebra, uma não coincidência: em relação ao que termina (uma vida, uma obra) sem concluir-se totalmente".

Embora não seja intuito deste texto realizar uma comparação do romance com *Todos os nomes*<sup>2</sup>, parece-nos possível destacarmos um movimento de leitura símile na obra analisada: 1) A construção de um personagem burocrata-padrão; 2) A presença de um elemento do acaso que traz reflexões; 3) A personagem feminina com papel de movência, que altera a inserção em seu ofício.

Torna-se, dessa maneira, nosso objetivo perceber como Saramago costura na trama narrativa o dilema ético frente a cesura do mundo, a partir da construção do protagonista artur, funcionário de uma indústria bélica. De modo mais específico, de que forma podemos elucidar, a partir das provocações de felícia e de um elemento do acaso, algum indício de reflexão sobre a sobreposição do comportamento ético no trabalho a quaisquer reminiscências de uma ética individual.

Para tanto, apresentaremos inicialmente uma seção em que discutiremos a inserção do protagonista como um burocrata-padrão, a partir dos pressupostos de Max Weber (1999, 2003, 2004, 2013). Em seguida, buscaremos a partir das intervenções da ex-mulher, felícia, e do elemento do acaso, momentos em que seja despertada alguma criticidade no protagonista, acrescentando às considerações weberianas a de Hannah Arendt (2013). Por último, detere-mo-nos em alguns rumos possíveis da narrativa.

## O burocrata padrão e a eticização da guerra

O protagonista de *Albardas* é um operário da indústria de armamento *Belona S.A.* O perfil construído do personagem artur logo nas primeiras páginas deixa entrever certa complexidade<sup>3</sup>. Enquanto carrega o sobrenome de paz, trabalha produzindo a guerra e em sua vida civil demonstra-se aficionado pelo tema. Por isso, em 'espírito', ele é comparado à própria "encarnação da deusa belona" (SARAMAGO, 2014, p. 12), realizando de certo modo aquilo que o título de Gil Vicente enseja.

Em dissonância com sua afeição às armas está a fragilidade do personagem; na fábrica, todas as vezes em que havia eventos de lançamento de novos armamentos aos quais os funcionários eram levados para assistirem as provas, artur era acometido por "questão de nervos" (SARAMAGO, 2014, p. 11) e socorrido pelos colegas com copos d'água antes que desmaiasse. O próprio narrador nos adverte:

Como se está vendo, o sujeito em questão é um interessante exemplo das contradições entre o querer e o poder. Amante apaixonado das armas de fogo, jamais disparou um tiro, não é sequer caçador de fim de semana, e o exército, perante as suas evidentes carências físicas, não o quis nas fileiras. (SARAMAGO, 2014, p. 11-12)

---

<sup>2</sup> SILVA, Adriana Gonçalves da. Todos os nomes que o acaso tem: a descoberta de si pelo outro. *Revista Desassossego*, São Paulo, v. 14, n. 27, p. 154-173, 2022.

<sup>3</sup> A composição de seu nome carrega essa dualidade, afinal, semedo, pode ser lido ironicamente como "sem medo" ou no prospecto da alofonia possível entre o z de paz e o s de semedo (paz/s/ e medo), afirmar sua atitude pacífica e pacata, sua falta de decisão, como estratégia que esconde a atitude covarde.

A grafia dos nomes na narrativa se dá em minúscula, escolha que parece estar em consonância com o posto ocupado pelo empregado, um mísero cargo de “faturação de armamento ligeiro e munições” (SARAMAGO, 2014, p. 9), embora sonhasse com o setor das armas pesadas. Se em *Todos os nomes* o nome José estabelece a inserção do homem comum, a opção pelas minúsculas neste romance, como observa Oliveira (2011, p. 103), seria um novo recurso eleito pelo autor desde *Caim*, em que “os nomes próprios perdem as arrogantes e antropocêntricas maiúsculas iniciais”.

Nesse sentido, podemos observar ainda que a perda da grafia de nome próprio carrega uma retirada da individualidade, tornando essas personagens um processo metonímico, como se apresentassem, em certa medida, a proporção dada ao ser humano nesta sociedade. Não poderíamos deixar de notar que a retirada dos contornos individuais serve ao processo acachapante de *impessoalidade*, sob o qual as égides trabalhistas se organizam – uma das características do mundo burocrata, conforme salienta Weber em *Economia e Sociedade* (publicado postumamente 1921-22).

O mundo burocrático, segundo Max Weber, é regido pela organização racional e é a expressão mais elevada dela, com ênfase na eficiência de produção. Entretanto, Weber assinala que este sistema não considera a particularidade dos casos, o aparato burocrático não considera as relações, sendo o burocrata um “especialista não-envolvido pessoalmente e, por isso, rigorosamente objetivo” (WEBER, 1999, p. 213). Assim, “desenvolve sua peculiaridade específica, bem-vinda ao capitalismo, com tanto maior perfeição quanto mais se desumaniza” (WEBER, 1999, p. 213).

A descrição de artur é feita na obra como a de um funcionário exemplar, que poderia ser classificado como um sujeito íntegro, trabalhador-padrão, com uma rotina mecanizada. Sua pequena parcela de contribuição na divisão de trabalho da indústria é representada pela mesa onde realiza o faturamento das munições para armas de pequeno porte, que está sempre impecável, demonstrando a personalidade rígida do funcionário:

Ali sentia-se mais seguro, protegido pela impecável arrumação da mesa e pela aura de respeitabilidade que, com o tempo, havia criado na secção da contabilidade que estava a seu cargo. Para artur paz semedo, às pessoas que consigo trabalhavam nunca as tinha visto como colegas ou companheiros, mas como subordinados. (SARAMAGO, 2014, p. 23-24).

A postura rígida e metódica construída para artur paz semedo está em acordo com a lógica que se incutiu para o trabalho na sociedade moderna. Em *A ética protestante e o espírito do capitalismo* (estudo publicado por primeira vez em 1901-02), Max Weber elucida que existe na gênese do sistema econômico uma eticização do trabalho. A formação da mentalidade que gerou e avalizou este sistema de organização construiu uma ética própria a partir do protestantismo ascético, calcada no trabalho como um exercício *in majorem gloriam dei* e no ócio como pecaminoso.

Corroborando ainda essa descrição o fato de que em seus registros na empresa constam apenas um atraso e o episódio cômico dos desmaios. Isso ocorre porque sob o baluarte da

formação de um sistema econômico cria-se um novo regime da ética, como se sob o manto do trabalho pudéssemos moralizar todas as coisas, uma racionalidade específica.

Tomou o pequeno-almoço a correr, saltou dois semáforos vermelhos no caminho, mas, pela primeira vez na sua vida, pelo menos que se recordasse, chegou ao trabalho já com o livro de ponto fechado. Desculpou-se o melhor que pôde ao superior imediato e foi ocupar o seu lugar. (SARAMAGO, 2014, p. 23)

Em *A política como vocação* (*Politik als Beruf*, 1919) é possível compreendermos a formação desta mentalidade que está incutida não apenas em artur, mas entranhada nas égides trabalhistas: "A honra do burocrata baseia-se na sua habilidade para executar conscientemente as ordens que emanam das autoridades superiores como se fossem suas convicções" (WEBER, 2003, p. 43).

Postas essas questões, podemos perceber adiante que a construção do protagonista como sujeito estava tão entrelaçada ao projeto da indústria, que o próprio patrão estabelece a confrontação entre o artur paz semedo civil e o funcionário:

[...] pensei que era impossível que uma empresa tão conceituada como produções belona s.a. não tivesse tido alguma participação no assunto, Como fornecedora de armamento, Sim, senhor administrador, como fornecedora de armamento, nada mais, E isso seria bom, ou seria mau, Depende do ponto de vista, E o seu, qual é, Sendo empregado da empresa, desejo que ela prospere, se desenvolva, E como cidadão, como simples pessoa, Embora tenha de reconhecer que gosto de armas, devo preferir, como toda a gente, que não haja guerras, Toda a gente é muito dizer, pelo menos os generais não estariam de acordo consigo. (SARAMAGO, 2014, p. 30)

Este trecho importa para percepcionarmos a amputação da capacidade de julgar a qual artur está condicionada. Seu eu civil e profissional se misturam, seus *hobbies*, suas atividades, seus gostos tornam-se uma extensão do que realiza na empresa. Vemos como que, diante do patrão, ele ensaia um contradiscurso à sua postura inflexível, buscando se aproximar de "toda a gente", talvez por temer demonstrar uma desumanidade, ou para testar o que é legitimado pela autoridade de seu interlocutor, o discurso surge modulado: "devo preferir". Desta forma, semedo não apenas atende as ordens superiores como se fossem suas convicções, como amortiza a consciência de tal forma que esta parece deixar de existir.

O regime de representação encerrado no personagem aponta para o plano extradiegético, no qual Saramago sinaliza o lugar da reflexão que é renegado tal como em seu romance, sendo um tempo não mais disponibilizado naquela sociedade em que vivem ele e seu leitores. A dificuldade de reflexão parece advir de um próprio avançar e modernização, o autor sinaliza essa inaptidão em *Da estátua à pedra*, quando coteja que "Tanto na vida pública como no diálogo de alguém consigo mesmo, se o houvesse, se isto não chegasse a ser considerado uma reminiscência de espíritos românticos" (SARAMAGO, 2013, p. 50). A seguir, veremos as razões pelas quais artur paz semedo começa a apresentar algum lampejo de reflexão de seu ofício ao longo da trama.

## Felícia e o acaso: elementos desestabilizadores da ética burocrata

Similar ao que ocorre em outros romances saramaguianos, em *Alabardas* após a apresentação de uma trivial rotina, surge um elemento do acaso que atuará como desestabilizador da aparente ordem<sup>4</sup>. No romance, o elemento que verificaremos a seguir, ensejará a possibilidade de uma nova visada do protagonista ao seu ofício.

Inebriado pelo tema bélico, artur é um grande consumidor de filmes, em maioria de grande circulação comercial, que nas palavras do narrador são “um autêntico curso de estado-maior” (SARAMAGO, 2014, p. 4). Será, todavia, quando o personagem resolve pela primeira vez imergir na leitura de um romance acerca do tema, que o incômodo suscitará. O contabilista parece ter criado uma ideia romantizada sobre o tema, favorecido pelo apelo imagético da indústria cinematográfica. O que ironicamente esvazia a memória do evento pela constante reprodução (HUYSSSEN, 2000, p. 12), aproximando-se assim de um ideário ficcional e afastando-se da realidade em virtude de certo “comportamento hipnótico” da espetacularização do mundo (DEBORD, 1996, p. 18).

Diante da tela do cinema, o personagem não demonstra nenhum incômodo, não compara o trato do tema frente ao trabalho que exerce, nem dá sinais de ter realizado em nenhum momento um processo de autorreflexão sobre seu papel em sociedade. Artur é fruto de uma sociedade que transforma o trágico em matéria vendável. Assim sendo, o protagonista não demonstra possuir qualquer dilema ético-social sobre o lugar ocupado, abstraindo por completo os efeitos desencadeados pela sua atuação.

O elemento que será capaz de ensaiar alguma *anagnorisis* no personagem é a leitura da obra de Malraux, *L'Espoir (A esperança)*. Mais especificamente, o elemento atordoador será um episódio ao final do romance em que uma ação avessa à postura ética de artur paz semedo é realizada pelos empregados da ficção. A atitude capaz de incomodar o protagonista está calcada justamente na ingerência de pensamento como desafiador da hierarquia.

Ao cabo de uma semana de disciplinada e atentíssima leitura quando já se estava aproximando do desenlace do livro, umas poucas palavras, de súbito, vieram sacudir-lhe a alma, o espírito, o corpo, enfim, tudo quanto nele fosse susceptível de ser abalado (SARAMAGO, 2014, p. 16).

A frase que foi capaz de agitar-lhe o espírito fazia menção a uma possível sabotagem de obuses realizada: “Aos operários fuzilados em Milão por terem sabotado obuses, hurra.” (SARAMAGO, 2014, p. 17). As razões pela agitação se dão pelo fato de o funcionário não conseguir conceber o motivo de seus iguais agirem contra a empresa em que trabalham. Sob muitas perspectivas, como a sua, essa seria uma postura não ética a ser tomada.

A postura combativa do protagonista ao que é narrado no romance francês nos recorda a descrição feita por Hannah Arendt (1999) acerca do julgamento de Adolf Eichmann, tenente

---

<sup>4</sup> Se em *Todos os nomes*, com o qual já esboçamos aqui algum paralelo, há o ficheiro da *mulher desconhecida*, em outros romances temos proporções até mesmo coletivas, como a cegueira (*Ensaio sobre a cegueira*), o voto em branco (*Ensaio sobre a Lucidez*) ou a greve da morte (*As intermitências da morte*).

coronel nazista que conduziu centenas de judeus aos campos de extermínio. Em seu julgamento de 1961 há uma recorrência em seus argumentos da concepção de legalidade e de dever a ser cumprido para a justificação da ação. Não ao acaso, havia uma necessidade de documentação e burocratização para que o séquito nazista seguisse executando: “Claro que é importante para as ciências políticas e sociais que a essência do governo totalitário, e talvez a natureza de toda burocracia, seja transformar homens em funcionários e meras engrenagens, assim os desumanizando.” (ARENDDT, 1999, p. 312).

A partir de Eichmann, Arendt nos apresenta o regime de racionalidade que legitimava as ações dos funcionários do Terceiro Reich, pautadas naquela mesma lógica burocrata do funcionário protagonista do romance saramaguiano. Artur paz semedo, assim como Eichmann, perde o exercício de um pensamento autônomo sobre este conjunto de valores que circundam o ambiente do trabalho, a ética individual é solapada em prol da burocrata, o processo de impessoalidade apontado por Weber (1999) é conseguido e legitimado. O personagem se torna,

Tão afeiçoado a instrumentos bélicos que não podia suportar a simples ideia de que alguém se atrevesse a sabotá-los. Além de um crime grave de lesa-economia no seu setor industrial, tomava-o como uma ofensa que pessoalmente lhe tivesse sido feita. (SARAMAGO, 2014, p. 17)

A indignação do personagem com a atitude de seus iguais, a opacidade de sua compreensão de classe, explica-se pela ética trabalhista que cria uma racionalidade própria e uma autorregulação. Todas as ações que realizam partem de uma ordem direta e estão balizadas por essa mesma ordem, assim executam a parcela que os cabe sem quaisquer remorsos, pois estão apenas cumprindo as demandas recebidas. Ao revés, é o não cumprimento das obrigações trabalhistas que se insere em um desvio moral. Fossem aqueles funcionários sabotadores de obuses empregados da *Belona S.A*, semedo se sentiria impelido a delatá-los, pela mesma lógica nazista apresentada por Arendt:

Grande parte do minucioso empenho na execução da Solução Final [...] pode ser atribuída à estranha noção, efetivamente muito comum na Alemanha, de que ser respeitador das leis significa não apenas obedecer às leis, mas agir como se fôssemos os legisladores da lei que obedecemos. Daí a convicção de que é preciso ir além do chamado do dever. (ARENDDT, 1999, p. 154)

É desta forma que o faturamento de armas ou o transporte de judeus à morte tornam-se validados, afinal como nos recorda Weber (2004) o trabalho deve “ser executado como um fim absoluto por si mesmo – como uma vocação”. Arendt (1999), por sua vez, faz-nos vislumbrar que é sob o manto diáfano da legalidade e da ética trabalhista que a violência se torna normatizada e o mal se manifesta banalizado na ordem do dia.

Como vimos, a ocasião em que se ensaia uma fricção das égides burocráticas sob o pensamento do personagem é, portanto, despertada quando entra em contato com o dilema ético da narrativa de Malraux sobre a sabotagem durante a guerra civil espanhola. A partir de então, a reflexão ganha espaço com a provocação da ex-mulher, assegurando mais uma vez na narrativa saramaguiana o papel de destaque das protagonistas femininas como espécie de Ariadne a conduzir o novelo da escrita. Não é por acaso que a própria ética é definida pelo autor como “a mulher mais bonita do universo” (AGUILERA, 2010, p. 114).

Possuindo como prenome o nome de um canhão alemão da primeira guerra mundial, berta, trocou-o por felícia, que etimologicamente significa, por sua vez, felicidade. A esfera conflituosa com felícia dá-se sobremaneira por, ao revés da companheira, apresentar a crença em uma postura não política. Artur é um burocrata, e como burocrata não é, ou acredita não ser, um homem político, ele não luta e nem se indigna. Os desdobramentos do incômodo se darão quando resolve partilhá-lo com felícia, que intervém:

Parece-te mal, perguntou ele. Nem mal nem bem, só me parece justo que eles o tivessem feito, Justo, justo, escandalizou-se artur paz semedo, fazendo vibrar de indignação a membrana interior do aparelho, Sim, não só justo como necessário, uma vez que estavam contra a guerra. (SARAMAGO, 2014, p. 20)

O enredo do romance é motivado pela reflexão do autor de que jamais teríamos constatado uma greve nas empresas de armamentos. No dia vinte e seis de maio de dois mil e nove, Saramago escreveu em seu blog sobre esta ponderação que, conforme vimos, acaba por reproduzi-la na voz da personagem felícia:

O negócio das armas, sujeito à legalidade mais ou menos flexível de cada país ou de simples e descarado contrabando, não está em crise. Quer dizer, a tão falada e sofrida crise que vem destroçando física e moralmente a população do planeta não toca a todos. Por toda a parte, aqui, além, os sem trabalho contam-se por milhões, todos os dias milhares de empresas declaram-se em falência e fecham as portas, mas não consta que um único operário de uma fábrica de armamento tenha sido despedido. Trabalhar numa fábrica de armas é um seguro de vida [...] Toda a vida tenho estado à espera de ver uma greve de braços caídos numa fábrica de armamento, inutilmente esperei, porque tal prodígio nunca aconteceu nem acontecerá. E era essa a minha pobre e única esperança de que a humanidade ainda fosse capaz de mudar de caminho, de rumo, de destino. (SARAMAGO, 2009, s/p)

Durante a ligação feita à felícia, ao abordar sobre o filme baseado na obra de Malraux, artur confessa sua emoção e comoção em uma das cenas, mas essa comoção não ultrapassa o nível do fictício. Ao relatar sobre o caso do sabotamento no livro, inicialmente seu homem civil é capaz de apresentar algum "lampejo de comiseração pela sorte dos pobres diabos" (SARAMAGO, 2014, p. 17), mas que é logo substituído por uma frase impiedosa, proferida agora pelo funcionário da fábrica: "Não se podem queixar, tiveram o que procuravam, quem semeia ventos colhe furacões" (SARAMAGO, 2014, p. 17). Há, desta forma, um ensaio de conflito, um processo interior de fuga à reflexão. O comportamento do personagem apresenta indícios de uma racionalização exacerbada e este é o momento em que sobrepõe a razão objetiva ao que começava a gerar alguma confrontação ética: "o sentir humano é uma espécie de caleidoscópio instável, mas, neste caso, o que importará deixar claro é que a reação prevalecente foi a contrariedade, o desagrado, a zanga." (SARAMAGO, 2014, p. 18)

A confrontação de felícia traz à superfície outra possibilidade de racionalidade que rompe a estrutura na qual o funcionário está imerso. Em *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, Max Weber considerava os limites de escolha imputados aos indivíduos pelas égides do mercado, limites que após a escrita de sua obra se tornarão ainda mais radicalizados.



Atualmente a ordem econômica capitalista é um imenso cosmos em que o indivíduo já nasce dentro e que para ele, ao menos enquanto indivíduo, se dá como um fato, uma crosta que ele não pode alterar e dentro da qual tem que viver. Esse cosmos impõe ao indivíduo, preso nas redes do mercado, as normas de ação econômica. O fabricante que insistir em transgredir essas normas é indefectivelmente eliminado, do mesmo modo que o operário que a elas não possa ou não queira se adaptar é posto no olho da rua como desempregado. O capitalismo hodierno, dominando de longa data a vida econômica, educa e cria para si mesmo, por via da seleção econômica, os sujeitos econômicos – empresários e operários – de que necessita. (WEBER, 2004, p. 47)

Dessa forma, a visão turva de artur paz semedo bloqueia o sentimento de empatia e compaixão em prol de uma ética do trabalho na qual acredita. Como é notório, o senso de ética do trabalho e de valores para as duas personagens são díspares. Enquanto artur corrobora a ética do lucro capitalista, felícia funciona como uma voz dissonante a ela. A ética que o protagonista imagina seguir corrobora, portanto, a do mercado. Ao dizer que temos nas personagens dois posicionamentos díspares, não pretendemos dividir a narrativa de forma maniqueísta, mas apresentar as tensões políticas advindas desses posicionamentos.

Felícia compartilha de uma ética humanista e seus ideais pacifistas dão vazão ao humanismo latente do próprio autor. Em dois de setembro de dois mil e nove, Saramago revela em suas anotações “A dificuldade maior está em construir uma história ‘humana’ que encaixe.” Depois, no dia dezesseis, arremata “O primeiro capítulo, refundido, não reescrito, saiu bem, apontando já algumas vias para a tal história ‘humana’. Os caracteres de *felícia* e do marido aparecem bastante definidos.” (SARAMAGO, 2014, p.6).

Dado o exposto, a trama se adensa na contradição entre o protagonista e sua ex-mulher e, provavelmente, seria a tônica a permear todo o livro. Os conflitos se manteriam presentes em toda narrativa, visto que em um dos apontamentos que acompanha a edição, Saramago menciona o final da narrativa com felícia a pronunciar um sonoro “Vai à merda” (SARAMAGO, 2014, p. 60), o que sugere não haver uma alteração radical de postura deste ex-marido. Impulsionado por felícia, semedo toma uma decisão que colocará um outro núcleo de personagens no holofote da narrativa. Embora menos estabelecidos os contornos deste núcleo narrativo se compararmos à felícia, é possível encontrarmos alguns indícios que importam ao regime interpretativo da obra.

## Rumos da narrativa

Os dois primeiros capítulos são responsáveis pela apresentação de artur paz semedo, sua ambientação no trabalho, seus gostos particulares e sua ex-mulher e antagonista felícia. No terceiro capítulo um novo núcleo de personagens é apresentado, os funcionários do arquivo, espaço em que o protagonista passa a ter livre trânsito.

O acesso a este novo ambiente de trabalho ocorre ainda no capítulo dois, quando felícia, durante uma ligação, o provoca a iniciar uma investigação na empresa sobre o fornecimento de armas à guerra civil de Espanha, da qual Malraux relata o incidente dos obuses. A princípio, o administrador-delegado dispensa a proposta de estudo de artur, mas depois de conversar com o patriarca da família, percebe alguns indícios de que o estudo seria pertinente. Saramago faz convergir dessa maneira os dois universos ficcionais.

Se, como vimos, o comprometimento do funcionário com a empresa extrapolava o esperado, agora, com o livre trânsito, artur se sentirá ainda mais integrado ao ofício exercido: “artur paz semedo nunca esquecerá este dia, o solene momento em que se levantou da sua mesa de contabilista para baixar às profundezas do ignoto passado. Tinha consigo o livre-trânsito, o abre-te sésamo, a caverna de ali-babá.” (SARAMAGO, 2014, p. 39)

A partir deste momento, a narrativa sinalizará uma tensão na convivência de artur com os funcionários do arquivo, arsênio e sesinando, cujo desfecho infelizmente não podemos conhecer. Por se tratar de documentos confidenciais a serem resguardados naquele ambiente, artur precisa sempre levar uma cópia ao administrador daquilo que lhe parecia mais relevante para a pesquisa. A responsabilidade de artur nesta engrenagem burocrática enseja contornos similares ao realizado por Eichmann.

Obviamente, não é muito difícil conjecturar que a rivalidade nessas relações poderia gerar uma traição quanto à confidencialidade dos documentos fotocopiados por estes outros funcionários. A conjectura nos parece anunciada por sesinando quando, após apresentar um documento importante a artur e este lhe agradecer, demonstra ambição em assumir um cargo similar ao daquele:

É um documento importantíssimo, não sei como agradecer-lhe a ajuda, disse artur paz semedo, Talvez lho diga um dia, a verdade é que estou cansado desta vida de toupeira, gostaria de me mudar lá para cima [...] Obrigado, foi uma sorte tê-lo conhecido, Espero não lhe dar motivos para se arrepender, Não mos dará a mim nem eu lhos darei a si, Que estes papeis o ouçam. (SARAMAGO, 2014, p. 48-49)

Nessa esteira, os nomes arsênio e sesinando também guardam importante significação. Arsênio é um elemento químico semimetal utilizado para conservar a madeira, enquanto *sesinando* é um nome quase extinto, muito utilizado na Idade Média. Dito isto, podemos traçar um paralelo entre a relação da censura dos documentos e a dificuldade de acesso, que se relaciona evidentemente ao período medieval, e os nomes. Período em que o arsênio seria importante chave para a manutenção das estantes desses documentos livre de pragas etc, tendo como variação o arsênico, que foi citado na obra *O nome da rosa*, de Umberto Eco, vinculado a algumas mortes por envenenamento, que começam a ocorrer em um mosteiro medieval italiano. Segundo Gontijo e Bittencourt (2017, p. 81), ele “foi o agente envenenador de escolha na Idade Média, tendo essa preferência se mantido até o início do século XX”. A ambientação e o próprio espaço ocupado por estes, onde exercem seus ofícios, também são propícios a essa referência, aproximando-se da abadia medieval.

Fala mais alto, parece que estás no fundo de um túmulo. Mal ela sabia quanta razão tinha, aquelas prateleiras, vergadas ao peso dos papeis, estavam carregadas de mortos que talvez tivesse sido preferível deixar entregues ao sono eterno em vez de os arrancar da obscuridade e da impotência resignada em que permaneciam há quase um século. A prudência manda que no passado só se deva tocar com pinças, e mesmo assim desinfetadas para evitar contágios. (SARAMAGO, 2014, p. 47)

O jogo com os nomes ratifica o caráter duvidoso das relações interpessoais estabelecidas naquele ambiente, favorecendo a hipótese da traição. Além disso, durante suas pesquisas há uma simbologia incutida na advertência feita pelos funcionários sesinando e arsênio sobre a

fragilidade do terceiro degrau da escada de mão. Uma escada de três degraus pode nos remeter à escada ponteana jurídica, em que o terceiro degrau seria o acidental ou facultativo<sup>5</sup>. Nessa escada, o terceiro é o referente aos encargos, ou seja, são condições preestabelecidas pela outra parte e que devem ser cumpridas; temos uma relação, portanto, que gera um débito. Haveria, pois, um risco de romper a dívida que contraiu com o administrador-delegado? Essa dívida claramente é contraída no plano simbólico da confiança.

Não queria dar ao administrador-delegado a impressão de que o seu trabalho era fácil, quando a verdade é que o terceiro degrau da escada de mão, rompendo-se, podia equivaler a um acidente grave, senão mesmo a morte. (SARAMAGO, 2014, p. 54)

Tal referência pode ser pensada também em conjectura com as descobertas que seriam feitas pelo protagonista quanto à natureza de algumas relações realizadas no terceiro setor da economia, o mais importante nesse caso de investigação, o comércio das armas. A economia que migra para o processo de terciarização está mais preocupada em prestar um serviço do que meramente oferecer um produto, e algumas relações no comércio das armas devem ter ultrapassado a preocupação apenas com os números para sanar as necessidades do cliente. É o que começa se entrever na pesquisa sobre a guerra do chaco, em que artur encontra uma folha de papel dobrada na qual o avô do administrador-delegado pedia informações a fundo do confronto.

Recebendo o número dos exércitos e descobrindo a desvantagem do exército boliviano frente às possibilidades que lhes restariam de estratégia, a empresa opta por negar o fornecimento à Bolívia, o que a coloca em situação de responsabilidade pelos insucessos do país no confronto. Observamos que a relação estabelecida ultrapassa o meandro de compra e venda e passa a fornecer um serviço personalizado ao que o outro precisa, no caso do informante, as informações valiam mais do que a venda das armas.

O futuro da narrativa possivelmente nos revelaria que, em sua aventura, artur seguiria encontrando pontos obscuros nas negociações, o que causaria desconforto perante o lugar que ocupa com seus colegas de profissão.

Uma ideia será fazer voltar *felícia* a casa quando se apercebe de que o marido começa a deixar-se levar pela curiosidade e certa inquietação de espírito. Tornará a sair quando a administração "compre" o marido pondo-o à frente da contabilidade de uma secção que trata de armas pesadas. (SARAMAGO. 2014, p. 60)

Observamos que no projeto de escrita de Saramago está a possibilidade de que artur fosse promovido ao cargo que desejava ocupar em contrapartida de algo que nos escapa. O que nos é possível saber é que durante essas investigações o personagem entrará em contato com a lógica do mercado e, possivelmente, descobrirá mais do que deveria de fato e era esperado pelo chefe. A esperança de *felícia* é que a inquietação gerada no processo de *anagnorisis* do personagem o levasse ao rompimento com essa lógica, momento em que se abre a uma reconciliação, o que

---

<sup>5</sup> Segundo Pontes de Miranda (1974, p. 379), um contrato para ter validade jurídica deve ser dividido em três planos, sendo o último facultativo: existência, validade e eficácia. Metaforicamente, esses planos formam os degraus que devem ser percorridos. Essa separação ficou conhecida como "escada ponteana".

não acontece, pois artur prefere a comodidade proporcionada pela indiferença. Para Pilar del Río, este é um romance sobre a reflexão de uma “responsabilidade cívica”,

As personagens que povoam o livro têm discursos e contradições elaboradas a partir do convencimento de que não ver é mais rentável do que ver – ou de que a indiferença é mais cómoda que a acção – e da necessidade do conhecimento e da intervenção para não ser cúmplice com o despropósito da violência. José Saramago escreveu um romance de personagens e situações que se confrontam com a realidade, tantas vezes mais obstinada que as pessoas, por isso não ver faz-se tão dramático. (DEL RÍO, 2014, p 4)

Weber, em *Economia e Sociedade*, realiza uma distinção entre duas éticas possíveis: a da responsabilidade e a da convicção. Entendemos que, no caso específico de artur, o personagem age com uma ética voltada para a convicção e não para a responsabilidade. Artur não se preocupa com os impactos de suas ações em relação ao outro, mas age em prol do que lhe favorece imediatamente. Sobre a ética da responsabilidade ou da convicção temos, respectivamente que

Age de maneira racional referente a fins quem orienta sua ação pelos fins, meios e consequências secundárias, ponderando racionalmente tanto os meios em relação às consequências secundárias, assim como os diferentes fins possíveis entre si. [...] Age de maneira puramente racional referente a valores quem, sem considerar as consequências previsíveis, age a serviço de sua convicção sobre o que parecem ordenar-lhe o dever, a dignidade, a beleza, as diretivas religiosas, a piedade ou a importância de uma causa de qualquer natureza (WEBER, 1999, p. 15-16).

Isto nos recorda o que escreveu Saramago em seus *Cadernos de Lanzarote*: “Se a ética não governar a razão, a razão desprezará a ética” (147). A responsabilidade cívica apontada por Pilar del Río não é cognoscível para o protagonista, a única responsabilidade que conhece é a do/com o trabalho.

Ao contrário do que parece pensar, não reclamo fuzilamento para os culpados de crimes como esse, mas apelo para o sentido de responsabilidade das pessoas que trabalham nas fábricas de armas, aqui ou em qualquer outro lugar, disse artur paz semedo, Sim o mesmo tipo de responsabilidade que fez com que nunca tivesse havido uma greve nessas fábricas. (SARAMAGO, 2014, p. 21).

No romance, Saramago de alguma forma questiona os frutos da eticização protestante e, por conseguinte, da ética capitalista que automatiza o processo sem refletirmos sobre a parte que produzimos nele. O autor parece requerer para nossos tempos um novo modelo em que nos autorregulemos, um novo estatuto do que vem a ser ética:

O mundo necessita de uma forma distinta de entender as relações humanas e a isso é que chamo insurreição ética. Cada um tem que pensar: Que estou a fazer neste mundo? A ideia de respeito pelo outro como parte da própria consciência poderia mudar algo no mundo. (AGUILERA, 2010, p. 114)

Um exemplo dessa opção do Estado pela esfera racional determinada está nitidamente reforçado na fala do administrador, quando afirma que, “todos os países, quaisquer que sejam,

capitalistas, comunistas ou fascistas, fabricam, vendem e compram armas, e não é raro que as usem contra seus próprios naturais." (SARAMAGO, 2014, p. 29)

Pelo exposto, podemos concluir que o processo de reflexão iniciado pelo protagonista com a leitura do livro irá se perder no caminho, ludibriado por questões de natureza imediata, capazes de ofuscar a visão do indivíduo. Alguns pontos de embate e questionamento desses valores determinados deveriam aparecer ao longo da narrativa, tensionados com um outro núcleo narrativo que surgiria.

As ideias aparecem quando são necessárias. Que o administrador-delegado, que passará a ser mencionado apenas como engenheiro, tenha pensado em escrever a história da empresa, talvez faça sair a narrativa do marasmo que a ameaçava e é o melhor que poderia ter-me acontecido. Veremos se se confirma. (SARAMAGO, 2014, p. 61)

Esperava-se que, envolvido pelas documentações que recebia de seu encarregado, o administrador-delegado passasse a contar a história da empresa, o que constituiria um processo *mise-en-abyme* no texto. Certamente, saberíamos muito sobre alguns esboços de questões aqui levantadas a partir dessa dupla narrativa.

## Considerações Finais

Pela declaração do autor, anteriormente apresentada, acerca das atitudes que seriam tomadas por felícia em relação a artur, fica-nos evidente que a narrativa ensinará um processo cíclico, comum de ser estabelecido em alguns romances saramaguianos<sup>6</sup>, em que está presente uma atitude quase que sísifíca. Acentua-se nessa imagem a 'humanidade' tão buscada pelo autor para o texto: prevalece a ética da convicção burocrata, a racionalidade da sociedade ocidental moderna e a comodidade de continuar pensando parcialmente sobre seu ofício, sem ultrapassar os muros da fábrica.

Segundo Aristóteles, em *A Política*, a questão ética não possui o viés da essência, não se trata de um juízo de valor acerca do caráter. Dessa forma, o que se estabelece no personagem artur é uma relação de escolha do lugar ocupado no exercício de sua responsabilidade cívica: "nós nos tornamos justos por fazer atos justos" (II, 1103b). Artur não consegue se distanciar do sistema para pensá-lo, demonstrando a inabilidade do homem de seu tempo em percorrer rotas diferentes. Não podemos afirmar que artur age sem ética, mas ele age sob a ética e os valores que elege, ou, que em todo caso, escolhem por ele.

Não se pode deixar de evidenciar que as ações do personagem habitam um universo específico e que sobre elas atuam discursos e convenções que pré-estabelecem e as determinam. Em *Alabardas* vemos, portanto, um questionamento sobre os limites de atuação social e sobre

---

<sup>6</sup> Diversos romances de Saramago apresentam uma estrutura cíclica, em que o fim dialoga necessariamente com seu início. Isto se dá em níveis textuais, como *O ano da morte de Ricardo Reis* (Aqui o mar acaba e a terra principia./ Aqui, onde o mar se acabou e a terra espera) e *As intermitências da morte* (E no dia seguinte ninguém morreu), ou a níveis menos evidentes, como a sociedade de *Ensaio sobre a cegueira*, que parece impor um retorno a certa 'normalidade' no final da narrativa, deixando entrever o reestabelecimento da mesma sociedade que gerou a epidemia.

a liberdade de escolha propiciada aos indivíduos desta sociedade. Na concepção de Vázquez, o caráter ético consiste em “investigar o modo pelo qual a responsabilidade moral se relaciona com a liberdade e com o determinismo a qual nossos atos estão sujeitos” (VÁZQUEZ, 2002, p. 8).

Nos *Cadernos de Lanzarote*, em 1996, o autor confessava o desejo por “um sentimento ético da existência” expresso em nossa epígrafe. Antes mesmo de realizar a façanha desta sua última obra, Eduardo Lourenço já situava José Saramago “na linha dos nossos grandes moralistas do século XVII” (1996, p. 186). Em consonância com o escopo aqui apresentado, Aguilera (2010, p. 76) reflete que Saramago “projetava uma explosão minuciosa da responsabilidade ética do sujeito, para consigo e para com a sociedade [...] Era essa, talvez, a última porta que lhe urgia fechar ou abrir, conforme se deseje enxergar: a da responsabilidade moral do indivíduo”. Ao fim e ao cabo, “este *Alabardas, alabardas, Espingardas, espingardas* não é um testamento, é o livro com o qual José Saramago queria fechar o seu percurso, e fê-lo” (DEL RÍO, 2014, p. 4).

## REFERÊNCIAS

- AGUILERA, Fernando Gomèz. *As palavras de Saramago*. Trad. Rosa Freire d’Aguiar; Bernardo Ajzenberg; Eduardo Brandão; Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- ARENDT, Hannah. *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*. Trad. José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- Aristóteles. *A política*. Trad. Nestor Silveira Chaves. São Paulo: Edipro, 2002.
- AUTORIA DESCONHECIDA. Semedo família heráldica-genealogia brasão Semedo. Disponível em: <http://heraldrysinstitute.com>
- DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo: considerações sobre a sociedade do espetáculo*. Trad. Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- DEL RÍO, Pilar. Nós somos o outro do outro. *Revista Blimunda*, n. 28, p. 4, setembro 2014. Disponível em: <http://www.josesaramago.org/?ddownload=533964>
- FERRONI, Giulio. *Dopo la fine, sulla condizione postuma della letteratura*. Torino: Einaudi, 1996.
- FROMM, Erich. *Análise do Homem*. Trad. Octávio Alves Velho. 10. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- GIDDENS, Anthony. *Política, sociologia e teoria social: encontros com o pensamento social clássico e contemporâneo*. Trad. Cibele Saliba Rizek. São Paulo: UNESP, 1998.
- GONTIJO, Bernardo; BITTENCOURT, Flávia. *Arsênio: uma revisão histórica*. *Anais Brasileiros de Dermatologia*, v. 80, n.1, p. 83-87, 2005.
- HUYSEN, Andreas. Passados presentes: mídia, política e amnésia. In: HUYSEN, Andreas. *Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.
- MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva: Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2003.
- OLIVEIRA, Maria Lúcia Wiltshire de. Um nome é nada: de testamentos a testemunhos em Saramago. *Revista Seropédica*, v.33, n.2, p. 97-111, 2011.
- PONTES DE MIRANDA. Francisco Cavalcanti. *Tratado de Direito Privado*. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1974. t. II.

- SARAMAGO, José. *Alabardas, alabardas, espingardas, espingardas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- SARAMAGO, José. *As intermitências da morte*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- SARAMAGO, José. *Cadernos de Lanzarote*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- SARAMAGO, José. *Da estátua à pedra e discursos de estocolmo*. Belém: Edufpa; Lisboa: Fundação José Saramago, 2013.
- SARAMAGO, José. *Ensaio sobre a cegueira*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- SARAMAGO, José. *O ano da morte de Ricardo Reis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- SARAMAGO, José. *Outros cadernos de Saramago*. Disponível em: <https://caderno.josesaramago.org/43247.html>. Acessado em: 14/04/2020.
- SARAMAGO, José. *Todos os nomes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- SILVA, Adriana Gonçalves da. Todos os nomes que o acaso tem: a descoberta de si pelo outro. *Revista Desassossego*, São Paulo, v. 14, n. 27, p. 154-173, 2022.
- VÁZQUEZ, Adolfo Sanchez. *Ética*. Trad. João Dell'Anna. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- WEBER, Max. *A política como vocação*. Trad. Mauricio Tragtenberg. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2003.
- WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. Trad. José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- WEBER, Max. *Ciência e política: duas vocações*. Trad. Marco Antonio Casanova. São Paulo: Cultrix, 2013.
- WEBER, Max. *Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. Trad. Regis Barbosa; Karen Elsabe Barbosa. Brasília: Editora da UnB, 1999.